

Hamlet:  
Ser ou não ser?  
Só Freud  
explica

CPMTRATP M° 3956791  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV Nº 35 / 38  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

## O Poeta da Vila

Sessenta anos  
sem a poesia de Noel

Notícia Geral,  
duzentos anos  
de  
história de  
Goiás

Entrevista:  
José Godoy  
Garcia, 50 anos  
de literatura



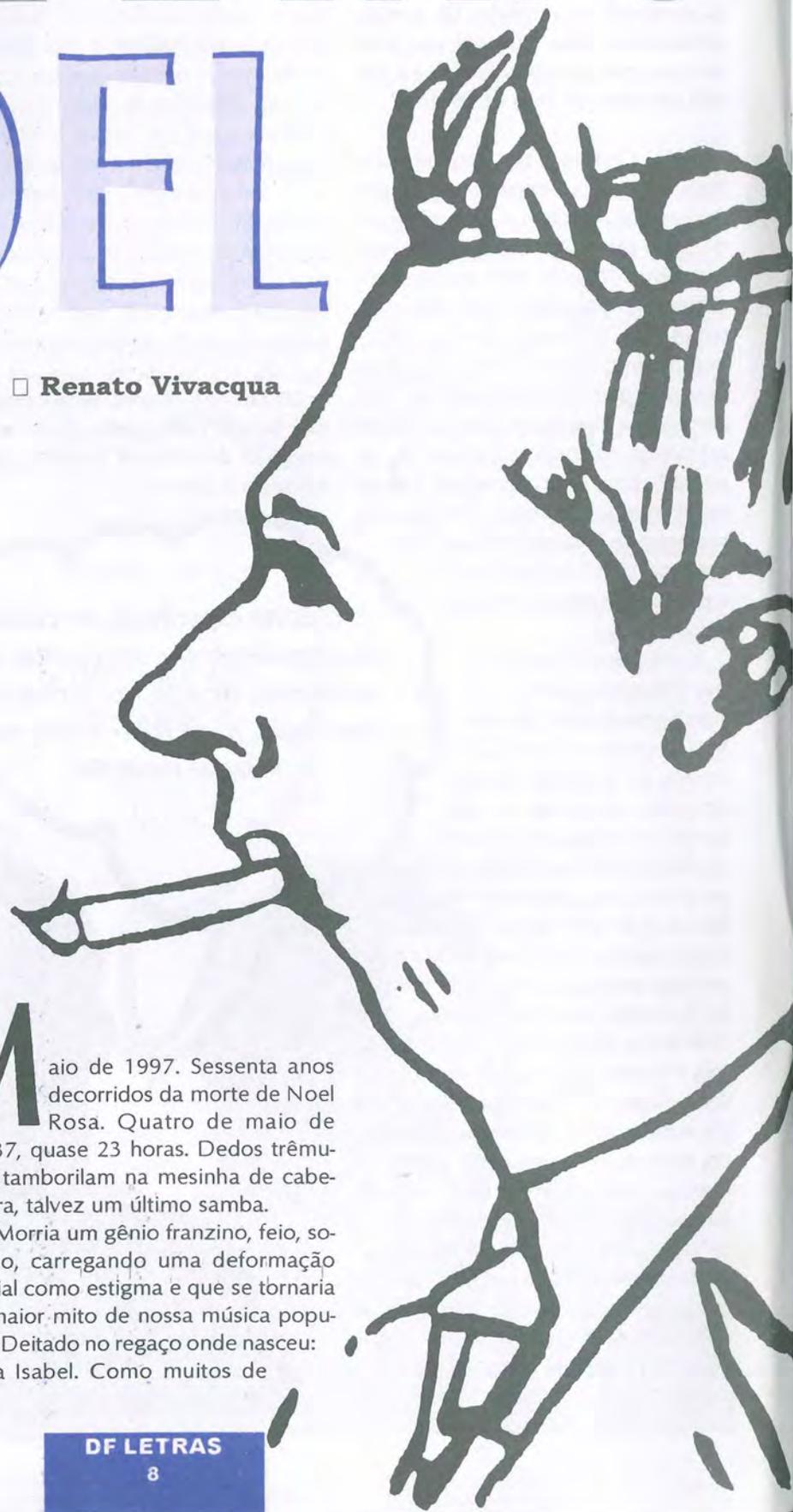
# O ETERNO NOEL

*O bairro carioca de Vila Isabel é um reduto legítimo do samba brasileiro. De lá saiu, talvez, o mais ilustre compositor da música popular: Noel Rosa. Para uns críticos, o homenzinho franzino, feio e sofrido é um gênio. Para outros, nem tanto. O historiador Renato Vivacqua nos conta um pouco da vida e da obra de Noel.*

□ Renato Vivacqua

**M**aio de 1997. Sessenta anos decorridos da morte de Noel Rosa. Quatro de maio de 1937, quase 23 horas. Dedos trêmulos tamborilam na mesinha de cabeceira, talvez um último samba.

Morria um gênio franzino, feio, sofrido, carregando uma deformação facial como estigma e que se tornaria o maior mito de nossa música popular. Deitado no regaço onde nasceu: Vila Isabel. Como muitos de



seus irmãos de verso, corroído pela doença que lhe minou os pulmões, brigando com ela pelas madrugadas.

É o mais atual de nossos compositores antigos. Nunca foi chamado de quadrado nem pelos bossa-novistas, implacáveis com o passado. Outro grande compositor, Billy Blanco, disse a Chico Buarque quando esse surgiu no meio musical: "Que bom que você apareceu, agora deixarão de me chamar de novo Noel". Chico nada comentou. Com sua personalidade marcante nunca negou a influência recebida de Noel, Ismael Silva e outros. Duvido que tenha se sentido diminuído com a comparação. Pelo contrário. A morte prematura, o carisma, mas principalmente o talento fulgurante, tudo isso concorreu para transformá-lo numa figura mágica. Orestes Barbosa, logo que o conheceu, comentou com Nássara: "Esse sem queixo é um gênio".

Presto minha homenagem contando fatos de sua vida, alguns inéditos, muitas vezes a lenda se confundindo com a realidade. Começemos por seus amores. Teve muitos e foi pouco amado. Nunca fez, porém, concessão ao pieguismo. Jamais houve autopiedade em suas canções. Lamentava-se sem pedir condescendência. Sua trilha sentimental foi acidentada com mais tropeços que vitórias. Marília Batista, sua

intérprete favorita, captou bem isso: "Noel foi acima de tudo um trovador irônico, alegre e irreverente. Seus versos nunca foram alambicados nem tangenciaram as elegias choramingas dos que só sabem lamentar-se". Conto seus cantos de amor. Aos dezessete anos flertou com Clara. Por infidelidade de Noel o relacionamento pouco durou. Reencontraram-se anos depois numa festa e a jovem, acompanhada, esnobou-o. Saiu aborrecido e em instantes lança no papel **Prazer em Conhecê-lo**: "Ainda me lembro que ficamos de repente / Frente a frente / Naquele instante mais frios do que gelo / Mas sorrindo apertaste minha mão / Dizendo então / Tenho muito prazer em conhecê-lo."

Perto de Clara morava a bela Josefina. Noel galanteou-a com **Seu Riso de Criança**: "Seu riso de criança / Que me enganou / Está num retratinho / Que eu guardo e não dou." Esta ver-

são, dada por vários autores, entra em desacordo com a da própria Josefina. Localizada por uma emissora de TV em 1984, declarou: "Noel para mim fez apenas **Três Apitos** (Você que atende ao apito / De uma chaminé de barro / Por que não atende ao grito / Tão aflito / Da buzina do meu carro.), apesar de um dia, estando de pileque, ter dito que eu tinha um riso de criança."

Aracy de Almeida, que gravou a música, indagada a respeito, foi quase dramática: "Em 1933 eu era muito jovem, usava ainda meia curta e Noel fez na hora esse samba, na Taberna da Glória e me deu. Foi pra mim que ele fez esse samba. Ele fez **Seu Riso de Criança** pra mim. Ele também fez música pra mim!" Sobre o verdadeiro relacionamento Noel-Aracy até hoje pairam dúvidas. Os contemporâneos evitavam tocar no assunto. Ronaldo Bôscoli, amigo íntimo da cantora, conta em sua coluna "Eles e Eu", no jornal **Última Hora**, que Aracy chamava Noel de "arrombador de moças" e confidenciou: "Eu também entrei nessa". Recente texto de uma coleção de CDs da MPB deixa mais dúvidas: "Sua admiração por Noel já era enorme. E ela insistia em estar perto dele constantemente. Com o tempo a admiração cresceu e virou paixão e dominou os sentimentos de Aracy até a morte de Noel, sem que ele lhe

*Orestes Barbosa,  
logo que conheceu  
Noel Rosa, comentou  
com Nássara:*

*"Esse sem queixo é um gênio"*



correspondesse." Josefina tornou-se uma bela mulher e Noel voltou ao asfédio musical com a citada **Três Apitos**. A moça se empregara numa fábrica de botões, mas Noel, mal informado, achou que ela trabalhava numa fábrica de tecidos: "Quando o apito da fábrica de tecidos / Vem ferir os meus ouvidos / Eu me lembro de você." Um fato inédito, que nunca foi publicado, me foi relatado pelo maestro Homero Dornellas, amigo de Noel (foi quem deu uma mexida na melodia de **Com que Roupa**, que Noel lhe mostrara e saíra parecida com o Hino Nacional). A fábrica apitava, na realidade, nove vezes ao dia. A dançarina Julinha foi a paixão seguinte. Inspirou uma das jóias de nosso cancionero: **Feitio de Oração**: "Quem acha / Vive se perdendo / Por isso agora eu vou me defendendo / Da dor tão cruel desta saudade / Que por infelicidade / Meu pobre peito invade." Ela morava no subúrbio e Noel trouxe-a para o centro da cidade. Deslumbrou-se, traiu-o e mereceu um samba antológico: "Naquele tempo em que você era pobre / Eu vivia como um nobre / A gastar meu vil metal / E por minha vontade / Você veio para a cidade / Esquecendo a solidão / E a miséria daquele barracão."

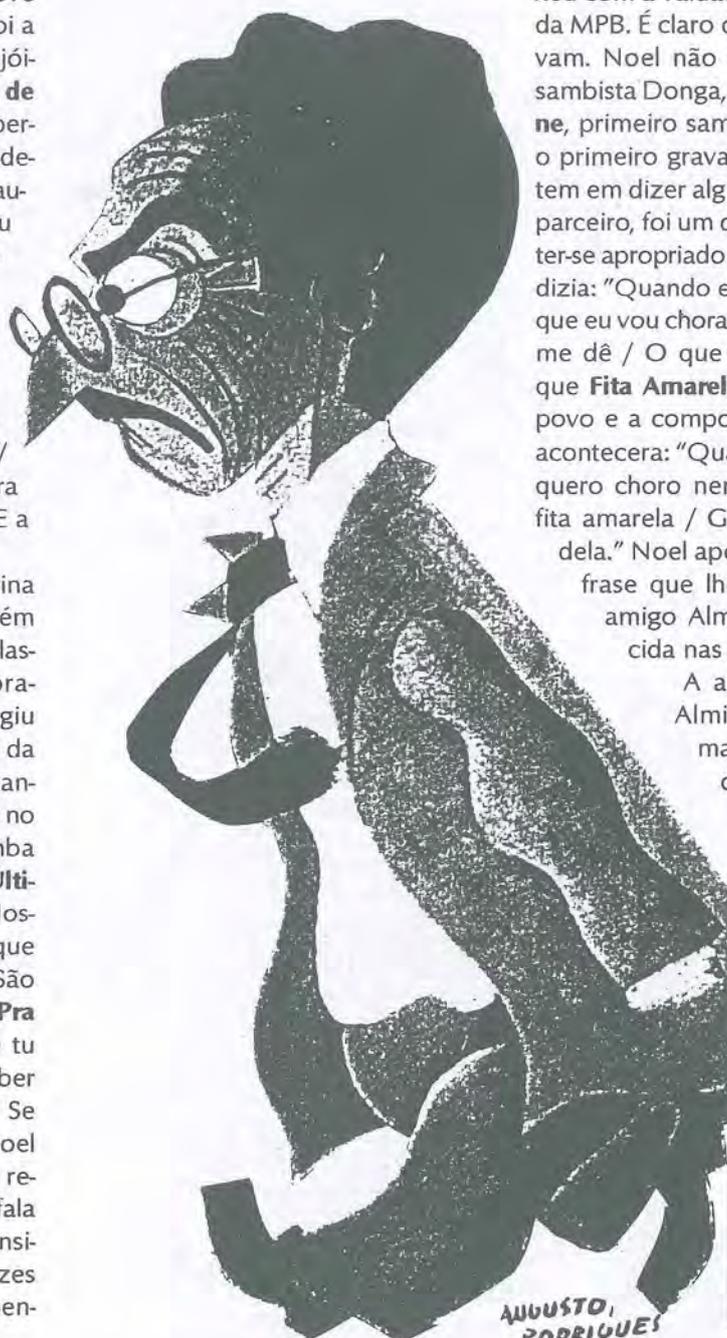
Em 1934 conhece Ceci, dançarina de cabaré à noite e que fazia também bico como modelo da Escola de Belas-Artes. Talvez seu maior enamoramento. Do primeiro encontro surgiu **Dama do Cabaré**: "Foi num cabaré da Lapa / Que eu conheci você / Fumando cigarro / Entornando champanhe no seu soirée." Na verdade um samba evocativo, feito em 1936. O belo **Último Desejo** foi inspirado por ela: "Nosso amor que eu não esqueço / E que teve seu começo / Numa festa de São João." Desabafa seus ciúmes em **Pra que Mentir**: "Pra que mentir / Se tu ainda não tens / Esse dom de saber iludir / Pra que, pra que mentir / Se não há necessidade de me trair." Noel tinha lá suas razões. Mário Lago, recordando num artigo a velha Lapa, fala de seu romance com Ceci, mas insinua que ela vivia dividida: "Às vezes me acarinhava as noites tendo o pen-

samento em Noel." Parece que Noel nunca perdoou. Em 1935 Ceci soube que ele, adoentado, tinha ido procurar melhores ares em Minas. Incógnita, foi a sua casa buscar notícias. Ao voltar, Noel tomou conhecimento da misteriosa visita e criou o **Só Pode Ser Você**: "E pelas informações que recebi / Já vi / Que essa ilustre visita era você / Porque / Não existe nessa vida / Pessoa mais fingida / Do que você."

Quando morreu tinha ao lado a esposa conformada e solidária, apesar dos desencantos e desencontros por

que passara na convivência com ele. O arrependimento tardio: "Eu nunca quis fazer você sofrer..." Que Noel foi um criador especial ninguém nega. E que se tornou uma lenda. Isso ficou evidenciado quando da excelente publicação **Noel Rosa, uma biografia**, escrita por João Máximo e Carlos Didier cinquenta anos após sua morte e que foi sucesso de vendas. Desfrutou de muito prestígio em sua época, era um artista respeitado. Após sua morte, inexplicavelmente foi esquecido, até ser resgatado por Aracy de Almeida na década de 50. Sua popularidade mexeu com a vaidade de muitos figurões da MPB. É claro que mordiam e sopravam. Noel não era um qualquer. O sambista Donga, autor do **Pelo Telefone**, primeiro samba de sucesso e não o primeiro gravado como ainda insistem em dizer alguns historiadores, seu parceiro, foi um deles. Acusou Noel de ter-se apropriado de um samba seu que dizia: "Quando eu morrer / não pense que eu vou chorar / vou procurar quem me dê / O que você não me dá". É que **Fita Amarela** estava na boca do povo e a composição de Donga não acontecera: "Quando eu morrer / Não quero choro nem vela / Quero uma fita amarela / Gravada com o nome dela." Noel apenas aproveitara uma frase que lhe fora sugerida pelo amigo Almirante, muito conhecida nas rodas de sambistas.

A acusação abespinhou Almirante, cultivador do maior arquivo de música popular, que bombardeou Donga, afir-



*Apesar da inveja que Ary Barroso tinha de Noel, o compositor de "Aquarela do Brasil" dizia que Noel criou "uma escola de poesia para o samba"*

mando que ele, sim, havia metido a mão no **Pelo Telefone**. Em 1933, mesmo ano do lançamento de **Fita Amarela**, antes do sucesso, é claro, Donga mimoseava Noel: "Há aqui na cidade um moço que pode desbancar muita gente: Noel Rosa. Todas as suas produções são recebidas com muito agrado." Chamou-o até de "menino de ouro". Muitos anos depois atacava: "Noel não entendia de samba coisa nenhuma. Nada. Nem tocar nem coisa nenhuma!"

Ary Barroso foi outro. Após a morte de Noel escreveu um artigo onde desmerecia o autor: "Sei que muita gente (por ignorância ou esnobismo) vai discordar de mim. Irão me chamar de despeitado, invejoso, cruel, mentiroso, etc. Noel como melodista, às vezes tinha sorte. Como cantor, mau. Como violonista, o suficiente para se fazer entender." Cantava mal? Passo a defesa a Ary Vasconcelos, um dos maiores estudiosos de nossa música popular. "A verdade é que se impõe a revisão de Noel como intérprete. Como Mário Reis, ele foi um dos primeiros a perceber que o principal era dizer bem. Descontraído, sabia, como ninguém, dar o recado implícito da melodia, explícito da letra. Era uma voz despojada, que só hoje estamos preparados para apreciar devidamente. Foi preciso que viessem João Gilberto e Chico Buarque para que fôssemos capazes de entender e estimar Noel-cantor". Da crítica a Noel como melodista falaremos mais adiante. Ora, qualquer pessoa medianamente informada sobre a história de nosso cancioneiro sabe que Ary Barroso foi um homem vaidoso, amargo, agressivo. Lançava excelsos verbais gratuitamente. No começo dos anos 60 respondeu assim a uma pergunta de Paulo Gracindo num programa de TV: "A sua vaidade, Ary, suportaria o choque de saber que você tem somente cinco músicas realmente boas ou você acha mesmo que todas as suas composições são obras-primas?" Resposta de Ary: "Eu acho que todas as minhas composições são obras-primas, porque eu tenho um crivo íntimo pelo qual passam todas as minhas músicas. Eu nunca ofe-

reço ao público um bagulho. Aracy de Almeida falava dele: "Gosta de ser paparicado e de pixar os amigos". Os comentários que fez sobre Noel confirmam isso. Este o considerava um dos maiores compositores e foram até parceiros. Almirante em carta me disse: "Ary tinha inveja do valor de Noel". No mesmo artigo, mais adiante, Ary afaça: "Noel letrista, coisa rara. Seu estilo nunca foi superado. Criou uma escola de poesia para o samba." Ary sentou sobre o próprio rabo, pois, se foi um musicista inspirado, como letrista brilhou poucas vezes. Alguns exemplos: a marcha **Pica-pau**: "Olha o pica-pau/Picando o pau lá no jardim / O meu coração é um pica-pau / E não se cansa de bater / E de sofrer." Ou a valsa **Quero Dizer-te Adeus**: "Quero dizer-te assim / Sem atribulações / Pra que longe de mim / Não tenha ilusões / O nosso amor morreu / E o culpado fui eu." Rimas indigentes em **Bahia Imortal**: "Bahia que nasceu / Cresceu forte e varonil / Terra que foi o berço do Brasil". Noel nunca escreveria coisas tão pobres. Foi Ary quem discursou à beira do túmulo do Poeta da Vila: "Noel, meu amigo! Seu retrato saiu

ontem num jornal dizendo que *Noel Rosa não morreu*. Foi uma profecia. Você estava com os olhos abertos, mas hoje continua para todos nós com os olhos abertos e mais vivos ainda, porque a morte destrói o corpo, mas tem a grande ventura de construir a imortalidade. E você a merece porque era grande; pequenino era assombro, sendo modesto era inexcusável. Pode ir, Noel, é o nosso destino. Mas vai com essa grande satisfação de ter deixado na Terra somente amigos, somente admiradores, somente colegas. Adeus!" Outro personagem que contestou Noel entra na história do mesmo jeito que Ary e Donga, beliscando e alisando: David Nasser. Jornalista de enorme prestígio na época áurea da revista **O Cruzeiro**. Panfletista, contundente e polêmico. Escrevia bem e fácil. São suas frases como: "Cultivo ódios eternos. Não sei perdoar." "Meus amigos não têm defeitos. Meus inimigos se não tiverem, eu invento." Competente, mas fantasioso. Uma de suas mais

*Cartola, Aaulfo,  
Wilson Batista e Noel  
deram um toque  
poético à música popular  
brasileira.*

*Até hoje os novos  
compositores  
se espelham neles*



marcantes reportagens foi o primeiro contato jornalístico com os índios xavantes que tentaram flechar o avião.

Só que não estava lá quando tudo aconteceu. Fez andanças pela MPB onde foi letrista de sucesso como em **Confete, Pensando em Ti, Carlos Gardel, Nega do Cabelo Duro, Canta, Brasil**, etc. Foi também biógrafo de Francisco Alves e Carmem Miranda.

Tudo sempre recheado de teatralidade e imaginação. Alguns

exemplos: conta que assistiu

Aracy de Almeida sugerir

a Wilson Batista a

feitura de **Amélia** e

o desinteresse:

"Wilson não ligou

para o tema, po-

rém naquele ins-

tante vi duas an-

tenas negras se

erguerem. Eram

as orelhas de

Ataulfo, que

saiu dali e foi

procurar Mário

Lago e pediu-

lhe que fizesse

os versos de

**Amélia**. Não há

nenhum registro

de sua presença

no evento. Relata

também que assistiu

Mr. Evans, chefe da

RCA, insistir em gra-

var **Aquarela do Bra-**

**sil** com regional e

não orquestrado. E

Ary recusar ao tele-

fone e Aracy de

Almeida, também

presente (estava inte-

ressada na música),

reagir indignada

com palavrões.

Esse fato nunca

foi citado nas

várias biografias de Ary. Sérgio Cabral, em sua excelente obra sobre Ary, relata "uma versão totalmente maluca" de David a respeito de um concurso de música popular, onde este dizia ter derrotado **Aquarela do Brasil**. Realmente o concurso existiu e as duas músicas que David inscreveu não obtiveram colocação. **Aquarela**, por sua vez, foi desclassificada por Villa-Lobos, presidente do júri, argumentando que "carnaval não era festa para manifestações patrióticas ou de civismo".

David falou muito em Noel. Pareciam íntimos, só que quando estive na casa de Noel, no dia de sua morte, ninguém o viu. No seu livro **Parceiro da Glória** chega a ser deselegante com o colega: "Uma das maiores mentiras musicais é chamar Noel Rosa o sambista perfeito. O poeta dos bairros e da alma carioca antecipou-se à parte literária do samba, mas não quanto à parte musical. Noel Rosa, se nos ouve de onde está, sabe que o considerávamos um dos menos inspirados e dos mais vulgares compositores de melodias. A circunstância de ter morrido não quer dizer que ele, por isso mesmo, receba elogios que não merece. As melodias são inexpressivas". Diante do fogo cerrado dos "mui amigos" de Noel, só me resta mesmo, sem procuração celeste, defendê-lo listando brilhantes composições suas onde criou letra e música: **Até Amanhã, Cansei de Pedir, Não Tem Tradução, Com que Roupas, Dama do Cabaré, Cor de Cinza, Eu Sei Sofrer, Fita Amarela, Gago Apaixonado, Só Pode Ser Você, João Ninguém, Quem Dá Mais, Palpite Infeliz, Quando o Samba Acabou, Silêncio de Um Minuto, O X do Problema, Três Apitos, Último Desejo**.

Renato Vivacqua é historiador da Música Popular Brasileira.

*Noel Rosa morreu há sessenta anos, corroído pela tuberculose, que certamente o levou mais cedo devido à boemia, madrugada adentro*